

Vallim entra na disputa e conta com o apoio de Maluf para vencer

ANA DUBEUX

Um dos poucos políticos em Brasília a assumir publicamente que é candidato a candidato à sucessão do Buriti em 1994, o ex-governador Wanderley Vallim recria aqueles que negam também estar na disputa. "Acho que a pessoa precisa ser definida e transparente, ser enrustido não leva a nada", dispara. Em plena campanha, o presidente regional do PPR afastou-se das suas empresas e passou a dar expediente integral no comitê do Setor Comercial Sul. "Estou no páreo, pronto para iniciar os debates", provoca, todo satisfeito por contar com o apoio incondicional do principal cacique do partido, o prefeito Paulo Maluf.

Aos 57 anos, o ex-governador diz-se tranqüilo para enfrentar aquela que, segundo ele, será uma das eleições mais difíceis da história. "Desafio quem quer que seja a apontar uma irregularidade na minha administração". Wanderley Vallim aposta que o nível da campanha vai deixar muita gente estareçada. "Quem tiver telhado de vidro que se prepare", alerta.

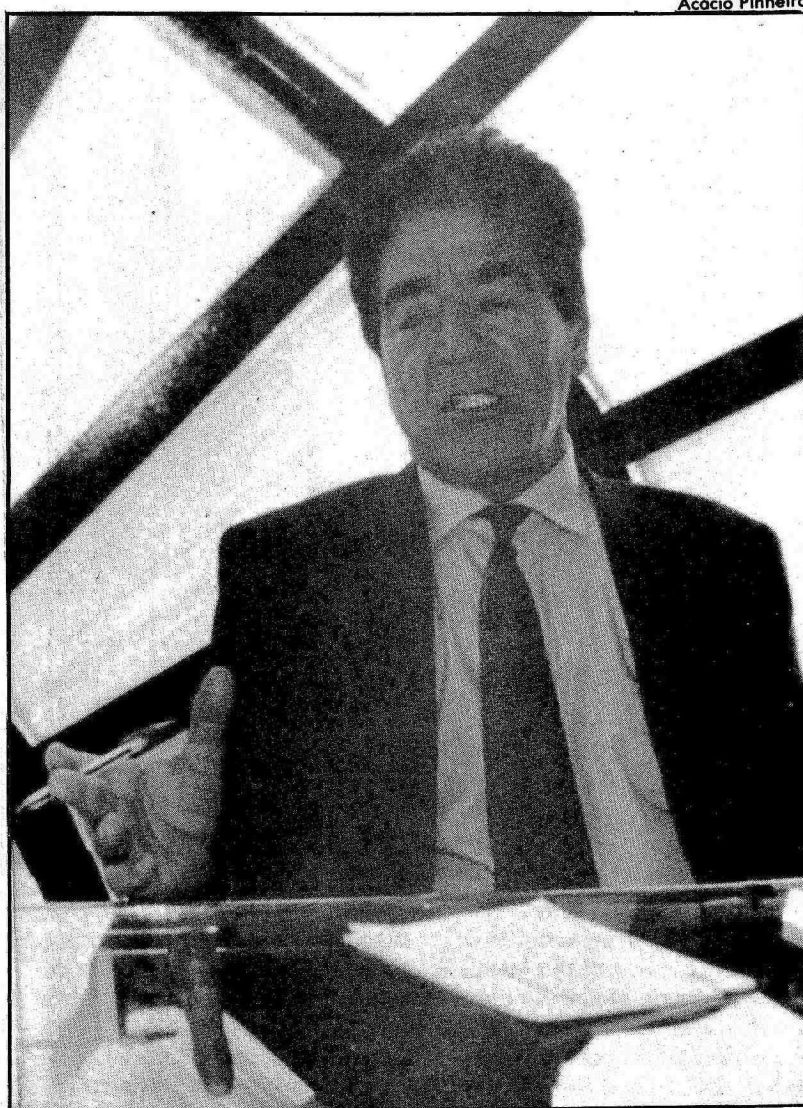
Em entrevista ao *Jornal de Brasília*, Vallim fala ainda dos empresários brasilienses que, a seu ver, são tímidos e até provincianos; dá sugestões para enfrentar a crise de desemprego e defende a regularização dos condomínios regionais.

J Br — Ao contrário de alguns dos possíveis candidatos à sucessão do Buriti, o senhor assume publicamente que vai concorrer. Quais são suas chances na disputa?

Wanderley Vallim — Nesse momento em que o País atravessa uma das fases mais críticas da sua história, e que a população cobra mais credibilidade por parte dos políticos, acho uma deslealdade não assumir minhas verdadeiras intenções. Sou candidato a candidato pelo PPR às eleições para o Governo em 1994. Assumi a presidência regional do terceiro maior partido do País e estou no páreo junto com os demais candidatos. Tenho convicção de que minhas chances de chegar ao final da disputa são boas.

O PPR está apostando tudo na eleição de Paulo Maluf à Presidência da República. Quais são os planos do partido, em Brasília?

— Como teremos eleições casadas, em todo os estados, o PPR lançará candidatos, e Brasília não poderia ficar de fora. Estou recebendo total apoio. O prefeito Maluf poderá lançar ou não sua candidatura à Presidência, mas o partido pensa em voar alto, em participar ati-



Acácio Pinheiro

Vallim está no páreo e diz que "ser enrustido não leva a nada"

vamente das eleições.

A quem o senhor acha que o governador Joaquim Roriz dará apoio: ao secretário de Obras José

"Não temo denúncias porque tenho respostas concretas para elas. Podem vir quentes. Minha consciência é limpa"

Roberto Arruda ou ao senador Valmir Campelo (PTB)?

— Se o governador puder atrasar um pouco sua decisão sobre o candidato a quem dará apoio será melhor para a governabilidade do Distrito Federal. Mas isto não significa que seja proibido pessoas de dentro do Governo assumirem publicamente suas intenções. E olha, tem mais de dois secretários do GDF pensando em lançar seus nomes. Acho isto normal, faz parte da política.

Qual o adversário mais forte

na disputa de 1994?

— O PT é muito bem estruturado, ele mete medo em qualquer posição. Os petistas tratam a disputa profissionalmente, têm toda estrutura montada para as eleições.

O senhor teme que as divergências ideológicas consigam pôr em risco o nível das campanhas?

— Não tenho dúvidas de que o nível desta eleição será um dos piores que o País já viveu. A sociedade foi muito massacrada. Em todos os segmentos há muita indignação. Temos uma elite burra, que se recusa a entender que é preciso fazer distribuição adequada de renda. Em cima disto, vamos ter muitas denúncias na campanha. Quem não tiver preparo e credibilidade não conseguirá se firmar. Quem tiver telhado de vidro, vai sofrer pressões horribéis.

Em meio a esta batalha, como o senhor pretende se preparar para enfrentar as críticas à sua administração no GDF?

— Tomara que todo mundo queira conversar sobre isto, porque estou tranqüilo quanto ao trabalho que desenvolvi no Governo, minha consciência está limpa. Foi uma gestão austera, enérgica e transparente. Desafio qualquer um a apon-

tar irregularidades na minha administração.

O senhor acha que alguns sindicatos têm exagerado na realização de greves?

— A greve é um direito líquido e certo de todos os cidadãos. Mas quando passa a ser política perde completamente sua razão de ser, desvirtua sua finalidade. Esse tipo de paralisação não leva a nada. Agora, sou um adepto da greve, desde que ela seja apenas reivindicatória.

Vai ser uma eleição cara?

— Muito. Talvez até a mais cara da história. De repente, vamos participar de uma eleição em todos os níveis e para conseguir administrar tudo isto é preciso ter muito dinheiro.

Qual a avaliação que o senhor faz dos seus possíveis adversários. O que acha do professor Cristovam Buarque (PT); do deputado Augusto Carvalho (PPS); do secretário Arruda; do senador Valmir Campelo (PTB); do deputado Osório Adriano (PFL); e da distrital Maria de Lourdes Abadia?

— Cristovam foi ótimo reitor, mas é um candidato elitizado. A Lourdes também é muito boa e quanto aos demais são pessoas que respeito muito. O Augusto Carvalho eu tenho a maior admiração, sabe dialogar e talvez seja um dos nomes mais fortes dessa disputa.

Os empresários brasilienses têm uma postura moderna ou continuam usando fórmulas ultrapassadas?

— Eles são muito tímidos, são quase que provincianos. Também

"Temos uma elite burra, que se recusa a entender que é preciso fazer no País uma distribuição adequada de renda"

lhes oferece condições, lhes encoraja. Os empresários hoje são grandes vítimas e, ao mesmo tempo, são vistos como grandes vilões.

Em Brasília alguns desses empresários são grandes sonegadores de impostos...

— Veja bem, você vai encontrar no clero padres fajutos; na política também tem muita coisa fajuta, como em qualquer outra área. Agora, os corruptos têm que ir para trás das grades. Os que atuavam aqui parece que estão correndo, saindo para Goiás.